

QUANDO UM ASSASSINO COMEÇA A ATERRORIZAR A CIDADE, UM HOMEM TEM UM PENSAMENTO ASSUSTADOR: SERÁ QUE O ATIRADOR É O MEU AMIGO?

ATIRADOR A SOLTA

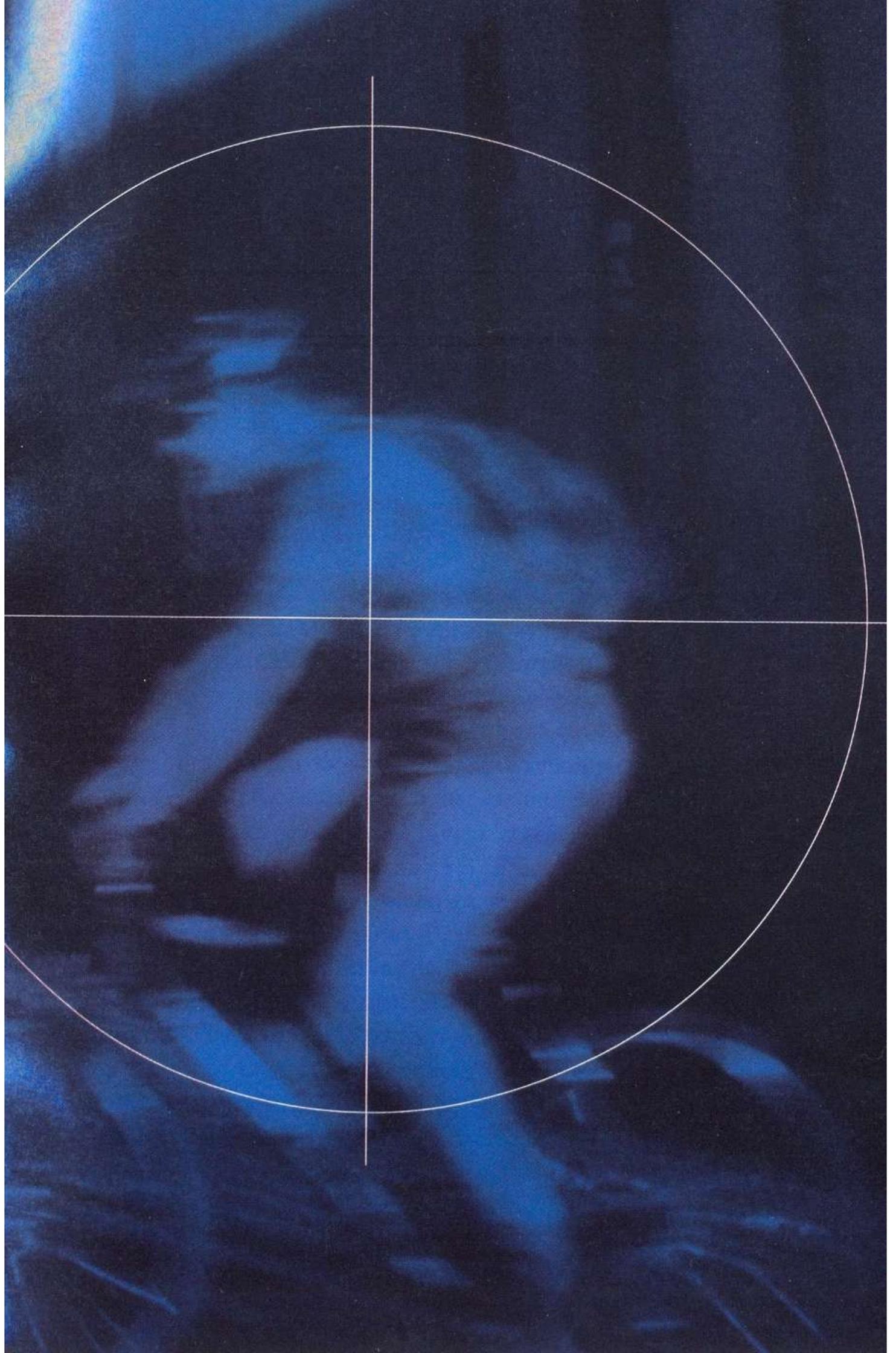
POR KATHRYN WALLACE

FAZIA MUITO CALOR naquela noite de julho, mas Ron Horton se sentia bem em um de seus lugares preferidos: o bar Stingers, num subúrbio de Phoenix, nos Estados Unidos. Ron, superintendente de construção, de 47 anos, tinha três filhos pequenos, que criava sozinho, e gostava de passar seu pouco tempo livre com os amigos, motoqueiros como ele, em alguns bares da região. Popular e adorado por todos, Ron era um desses caras com quem sempre se podia contar.

Sua modesta casa, perto do centro de Phoenix, costumava ser um lugar onde seus amigos podiam beber uma cerveja ou se hospedar em tempos difíceis. “Somos mais do que uma família”, diz Ron sobre os colegas motoqueiros. “Qualquer um deles me daria todo o seu dinheiro se achasse que eu estava precisando, e eu faria o mesmo por eles.”

Naquela noite, há dois anos, Ron conversava no bar com alguns desses amigos quando um deles disse a outro:

- Você ouviu falar desse cara que está atirando nas pessoas?
- O que está acontecendo? - perguntou Ron.
- Um maluco matou uns animais e agora está atirando em pessoas. Doze foram atingidas e seis morreram. E a polícia não tem idéia de quem seja.



- Duas pessoas foram baleadas no sábado à noite - disse um amigo de Ron - e outro cara na segunda-feira à noite.

Eles comentaram a metodologia do assassino: atirava a esmo em qualquer um que cruzasse seu caminho - homens de bicicleta, mulheres andando sozinhas, qualquer pessoa.

- Em que parte da cidade isso está acontecendo? - perguntou Ron, temendo já saber a resposta.

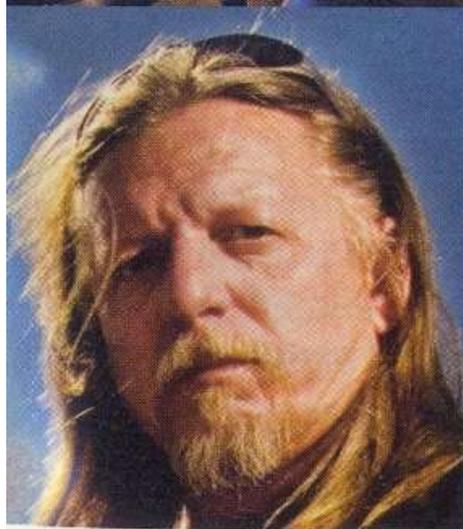
Um dos homens respondeu que era no Phoenix Valley, no lado oeste da cidade. O estômago de Ron ficou embrulhado e ele se lembrou de uma conversa bizarra que tivera quatro meses antes com um amigo, enquanto bebiam uma cerveja juntos - uma conversa que ele acreditara ter sido uma piada de mau gosto. Mas agora ele se dava conta de que poderia ser a confissão de um assassino.

A

TÉ AQUELE MOMENTO, a vida de Ron fora tranqüila, especialmente quando comparada com a época agitada em que trabalhara como gerente do Mason Jar, um bar de roqueiros. Ron muitas vezes voltava para casa já de manhã e, segundo ele, "costumava tomar remédios para conseguir ficar acordado".

Mas então Ron conheceu Debbie num bar do outro lado da rua, e os dois acabaram indo morar juntos - até que Debbie, para grande surpresa de Ron, saiu de casa e o deixou sozinho com os três filhos que tiveram. Ron pediu demissão do Mason Jar e começou a trabalhar como empreiteiro, atividade que lhe permitia passar mais tempo com os filhos. Ficava com eles o máximo de horas que podia, servindo de técnico para o time de beisebol da criançada, ajudando com o dever de casa e tentando até fazer canja de galinha se um dos meninos ficava doente. A mãe de Ron o advertiu que sua devoção era exagerada: "Saia sozinho de vez em quando. Você precisa se relacionar com as pessoas." Ele seguiu o conselho.

"Fui aos pouquinhos", conta Ron, que logo fez novos amigos. Em uma de suas primeiras saídas, há seis anos, começou a conversar com Samuel Dieteman, rapaz grandalhão e simpático que trabalhava em um dos bares locais. Sammy, como era conhecido pelos amigos, gostava de rir, contar histórias e pregar peças, e seu bom humor logo cativou Ron. Além disso, era muito leal. "Se você lhe desse uma carona ou lhe pagasse um drinque,



O BAR STARDUST foi o local de um encontro fatídico entre Ron Horton (à esquerda) e o atirador acusado de aterrorizar Phoenix.

Sammy virava seu amigo para o resto da vida”, afirma Ron. “Ele fazia de tudo para retribuir o favor.” Ron apresentou Samuel aos seus cada vez mais numerosos amigos e, embora ele não tivesse uma motocicleta, foi acolhido pelos motoqueiros como membro da família.

Ron já passara por diversas dificuldades, mas descobriu que Samuel sofrera mais ainda: ele se casara cedo demais, se divorciara logo e tivera problemas com a polícia depois de se envolver em brigas de bar. E até passou um tempo na cadeia.

Samuel disse a Ron que estava tentando começar de novo quando se mudara para Phoenix, em 1999, para morar com a mãe e o padrasto. O rapaz, que tinha 24 anos na época, era eletricitista e conseguira um bom emprego numa fábrica de equipamentos eletrônicos, além de ter arrumado um bico como atendente num bar de Phoenix – o lugar onde conheceu Ron.

Mas logo a vida de Samuel voltou a ficar difícil. Ele perdeu o emprego na fábrica, em 2005, e o bar onde trabalhava fechou. Samuel contou a Ron que, mais tarde naquele mesmo ano, brigara com os pais e seu padrasto o expulsara de casa. Aos 30 anos, estava desempregado e sem ter onde morar. “Ele não queria que sentissem pena dele, mas precisava de ajuda”, conta Ron.

“Eu disse a ele que podia passar um tempo lá em casa e instalar meus ventiladores de teto em troca da hospedagem. Samuel gostou da idéia, e eu confiava nele. Sammy se dava bem com meus filhos, e isso era muito importante para mim.”

Em pouco tempo, no entanto, Samuel “saía para beber todos os dias, era o primeiro a chegar e o último a sair dos bares”, conta um amigo dele e de Ron, Gary Gang. “Ele tinha chegado ao fundo do poço.” Samuel também estava se afastando dos amigos e decidira sair da casa de Ron, alegando: “Não mereço morar numa casa. Não mereço nem estar vivo.”

ELE SE APROXIMOU E DISSE BAIXINHO: “VOCÊ SABE COMO É MATAR UM HOMEM?”

“Ele não tinha muita auto-estima”, afirma Gary. “Nunca entendi por que se sentia assim. Mas você tinha vontade de ajudá-lo. Tinha vontade de vê-lo bem.”

Em dezembro de 2005, Samuel desapareceu. Durante meses, ninguém o viu ou teve qualquer notícia dele. Foi então que, em maio, Ron recebeu um telefonema inesperado de Samuel, que lhe pediu que fosse encontrá-lo num restaurante chamado Rib Shop.

Ron ficou surpreso com a ligação, e ficou ainda mais pasmo com a auto-confiança que Samuel demonstrava. “Ele me contou que conheceu um homem que lhe oferecera emprego e um quarto para morar. Eu pensei, ‘que bom. Sammy conseguiu se dar bem’”, diz Ron. Segundo Samuel, sua vida estava ótima.

Os dois beberam juntos, riram e contaram as novidades. Em dado momento, Samuel se aproximou de Ron e disse baixinho:

- Você sabe como é matar um homem?
- Como eu poderia saber? - respondeu Ron.
- Eu também não sabia, até uns dois meses atrás - disse Samuel.

Passou então a contar a história de um assassinato brutal que dissera ter cometido. Ron ouviu tudo, achando que era uma piada de mau gosto. E es-

perou pelo momento em que Samuel iria admitir que estava brincando. “E por que fez isso?”, perguntou Ron.

Samuel disse que se tratava de uma coisa nova entre ele e um amigo. “Nós chamamos de Violência Recreativa Aleatória.” Os dois andavam de carro pela cidade e escolhiam alvos sem qualquer critério. “Usamos uma espingarda calibre .410 porque é difícil rastrear as balas”, contou.

Ron teve certeza de que aquilo era conversa de bêbado e tentou esquecer tudo. Mas alguns detalhes ficaram marcados em sua memória, principalmente a história de uma mulher que Samuel pensou que fosse um homem e em quem atirara pelas costas. “Sammy me falou que se sentira culpado, e que perdera o sono por causa dela”, diz Ron.

Pouco tempo depois, Ron relatou a conversa a Gary Gang, que concordou que aquilo só podia ser uma brincadeira maluca de Samuel. Era impossível que ele fosse um assassino.

Ron não viu Samuel durante semanas, até que recebeu uma mensagem de texto pelo celular no dia 19 de junho, na qual o amigo pedia que Ron fosse encontrá-lo no Rib Shop novamente. Ao chegar lá, Ron viu que Samuel



ENQUANTO CAMINHAVA até a casa do namorado, Robin Blasnek, 22 anos, foi baleada por um carro que passava. Ela acabou sendo a última vítima do Atirador.



estava bêbado e transtornado. Brigara com seu colega de apartamento e fora expulso de casa. Dale Hausner, irmão mais novo do colega, estava indo buscá-lo no restaurante e ia hospedá-lo em seu apartamento em Mesa, uma cidade a leste de Phoenix. Samuel parou subitamente de reclamar

quando Dale entrou no Rib Shop, e os dois foram embora praticamente sem trocar uma palavra. Era meia-noite e meia. Ron se lembra de que “todo mundo que estava no restaurante disse que Dale dava medo”. Ele se recorda bem daquela noite por causa da mensagem assustadora que recebera de Samuel logo após ele deixar o Rib Shop. Ela dizia apenas: “Estou com raiva, e alguém vai acabar se machucando.”

SEMANAS MAIS TARDE Ron estava no Stingers e foi então que seus amigos comentaram sobre o assassino que matava pessoas a esmo. Quando chegou em casa naquela noite, fez questão de assistir ao noticiário na TV. Ficou apavorado ao ver um mapa que mostrava os ataques do homem, chamado pela polícia de Atirador Serial. Os pontos dos ataques formavam um círculo, e a parte da cidade onde morava Samuel ficava bem no meio. Ron ligou para

Gary, que também assistia ao noticiário. “Ele soube logo por que eu havia ligado”, conta Ron. Os dois chegaram à mesma conclusão: Samuel era o responsável pelos assassinatos que aterrorizavam Phoenix.

No dia seguinte, após uma noite inteira sem dormir, Ron não foi trabalhar. Ficou horas sentado na sala com o celular em uma das mãos e, na outra, um papelzinho onde anotara o telefone do disque-denúncia divulgado pelo noticiário. A polícia prometia o anonimato a quem ligasse. Ron não sabia o que fazer.

Lembrou que Samuel poderia estar apenas inventando todas aquelas histórias e que, se ele ligasse para a polícia, poderia complicar a vida do amigo sem motivo. Além disso, existe um código de conduta entre os motoqueiros: Nunca entregue alguém que você conhece.

Mas então Ron pensou em todas aquelas pessoas inocentes sendo mortas e disse a si mesmo que podia impedir mais assassinatos, caso Samuel fosse mesmo o assassino.

“Passei muito tempo pensando”, conta Ron. “Sabia que podia perder os meus amigos se fizesse aquilo com o Sammy. Mas precisava ficar com a consciência tranqüila.”

Ron finalmente decidiu ligar para o disque-denúncia. A telefonista garantiu que o número dele não fora revelado e que ninguém lhe telefonaria, e então ele deu a ela o nome de Samuel, afirmando ao mesmo tempo que não tinha certeza se ele era o Atirador Serial. Disse também que poderia haver dois atiradores, e não apenas um.

Após o telefonema, Ron sentiu uma combinação de medo e alívio. “Lavo minhas mãos”, disse ele a Gary. “Agora a polícia que encontre o cara.”

Mas a polícia não descobriu quem era o atirador. Ron passou boa parte dos dias que se seguiram indo de carro de uma construção a outra, e ouvia sem parar o noticiário no rádio. “Também via o jornal na TV a noite toda para descobrir se meu telefonema tivera alguma utilidade.” Mas a polícia dizia à imprensa que não tinha nenhum suspeito. Ron achou que talvez houvesse ficado tão preocupado em não se envolver que dera informações vagas demais. Na verdade, dissera pouquíssima coisa naquele telefonema – pouco mais do que o nome e o sobrenome de Samuel – e sua denúncia devia estar perdida em meio a milhares de outras.

Enquanto isso o Atirador atacou de novo, fazendo três novas vítimas no centro de Phoenix. Todas foram baleadas por trás – uma delas na cabeça e

as outras duas nas costas. Incrivelmente, as três sobreviveram. Ao ouvir falar dos três novos casos, Ron se sentiu responsável. “Eu tinha uma informação que poderia ter impedido aqueles crimes”, diz ele. “Minhas mãos estavam sujas de sangue.”

Ligou para o disque-denúncia de novo, mas não pôde dar os detalhes que os policiais pediam. O celular de Samuel não funcionava mais – Ron já havia tentado ligar para ele – e Ron não tinha idéia de onde Dale morava.

A angústia de Ron aumentou ainda mais quando, no dia 12 de julho, escutou no rádio que mais uma vítima fora baleada numa rua deserta na noite anterior. Pensando desesperadamente no que mais poderia fazer, lembrou-se de um detalhe que não revelara nos outros telefonemas. Ligou para o disque-denúncia mais uma vez e disse que Samuel lhe contara que a arma que usava era uma espingarda .410. A telefonista ficou em silêncio por um segundo e então perguntou a Ron se ele estava disposto a conversar com um policial. Ron disse que sim.

“QUEM FALA AQUI é o policial Darrell Smith”, disse alguém do outro lado da linha. Smith contou a Ron que a polícia não revelara à imprensa qual era a arma que eles acreditavam estar sendo usada, e que por isso haviam ficado impressionados com o que ele dissera. Os dois concordaram em se encontrar num restaurante mexicano onde ninguém que conhecia Ron poderia vê-los juntos e contar a Samuel.

Escondido na penumbra do restaurante, Ron sentou-se com Smith e o principal investigador do caso, o detetive Clark Schwartzkopf, e contou tudo o que sabia. Os dois policiais anotaram os detalhes dos dois encontros bizarros que Ron tivera com Samuel e então lhe pediram que fosse até o carro deles. Lá, mostraram-lhe uma foto muito desfocada. “Esse é o Sammy?”, perguntaram.

A Agência Federal de Álcool, Tabaco, Armas de Fogo e Explosivos investigava incêndios criminosos que alguém iniciara em dois Wal-Marts da cidade, perto de uma área na qual o Atirador havia agido no mesmo dia. Ron olhou com espanto para a foto. Era Samuel. Observando mais de perto, achou que reconhecia também o segundo homem na foto: era Dale, o amigo que apanhara Samuel no restaurante em junho.

“Naquele momento, eu tive certeza”, conta Ron. Ele disse aos policiais que faria tudo o que pudesse para ajudá-los a pegar Samuel, embora con-



A EMBOSCADA aconteceu neste apartamento, onde Samuel Dieteman (no detalhe, numa foto da polícia) morou com Dale Hausner.



tinuasse sem saber o endereço ou outras informações sobre Dale.

A principal preocupação de Ron era saber como investigar o paradeiro de Samuel sem levantar suspeitas. Sabia que o que iria fazer era perigoso e decidiu mandar seus filhos passar um tempo com a mãe, temendo que Samuel soubesse dos telefonemas que Ron dera para a polícia e reagisse de forma violenta.

A maneira mais óbvia de começar uma busca era ir aos diversos bares que Samuel costumava frequentar. Ron conversou com todos os amigos que conseguiu encontrar e fez perguntas casuais sobre Samuel. Ninguém sabia de nada – ele desaparecera de novo. Ron ligou para outros conhecidos, mas de nada adiantou.

Passou a conversar constantemente com Smith, revendo todos os detalhes que sabia sobre Samuel. No dia 23 de julho, um domingo, ele recebeu um telefonema perturbador de Smith: na madrugada anterior, o Atirador havia ferido um homem que andava de bicicleta. “Era preciso resolver aquilo urgentemente”, conta Ron. “Ninguém mais saía de casa à noite em Phoenix. A vida de quase todo mundo parou.”

PASSOU-SE MAIS UMA SEMANA e, na sexta-feira, dia 28 de julho, Ron finalmente teve sua recompensa. Um amigo motoqueiro recebera uma mensagem de texto de Samuel e, como sabia que Ron procurava por ele, deu-lhe o número de celular de onde a mensagem fora enviada. Ron imediatamente mandou um alô para Samuel. “Oi, Sammy. É o Ron. Você está vivo?” Mas ele não respondeu. Após diversas outras mensagens sem resposta, Ron estava prestes a desistir. Por fim Samuel respondeu na noite de domingo. Estava voltando de Las Vegas, escreveu ele. Ansioso para continuar a conversa, Ron digitou: “Você ganhou ou perdeu?” Cerca de 45 minutos depois, Samuel mandou uma única palavra: “Perdi.” Após mais algumas tentativas inúteis de iniciar uma conversa, Ron escreveu: “Você deve estar ocupado. Ligue para mim quando puder.”

Ron ligou para Smith e disse: “Ele está aprontando alguma. O Sammy sempre responde logo às mensagens de texto, ele escreve uma Bíblia inteira.” Continue tentando, disse Smith, explicando que domingos e terças eram dias em que o Atirador atacava bastante. Sete das 17 vítimas haviam sido atingidas nesses dias.

Na manhã seguinte, Smith ligou para Ron e deu más notícias: o atirador matara uma moça de 22 anos em Mesa, cidade-satélite de Phoenix. Ela levava um tiro nas costas quando ia para a casa do namorado. “Foi uma cena muito triste”, disse Smith, arrasado.

Mesmo agora, Ron não consegue falar dessa morte sem chorar. “Ele estava perseguindo a menina ao mesmo tempo que me enviava mensagens”, diz ele. “Eu poderia tê-lo impedido se tivesse sido mais agressivo.”

Ron enviou uma mensagem para Samuel, como se quisesse provocá-lo de brincadeira. “E aí? Esqueceu dos amigos?” Depois de mais algumas mensagens no mesmo estilo, mandou um texto convidando Samuel para uma cerveja. Ele finalmente respondeu: “Não posso.”

Ron perguntou-lhe o que estava acontecendo. Samuel respondeu que estava comendo. Trocaram diversas mensagens e Ron se ofereceu para apanhar Samuel e deixá-lo dormir em sua casa se o problema fosse a falta de carona. Meia hora depois, ele recebeu a resposta que queria. Samuel concordava em vê-lo, mas não precisava de carona. Combinaram de se encontrar no bar Stardust em uma hora. Ron ligou de imediato para Darrell Smith e disse: “Está feito.”

“EU NÃO TINHA IDÉIA da megaoperação que seria montada”, conta Ron. Havia policiais escondidos nos arbustos do lado de fora do bar, um rastreador no telefone de Samuel e detetives à paisana em todas as ruas que levavam ao Stardust. Parte dos policiais estava lá para proteger Ron. “Em 28 anos de carreira, nunca ninguém morreu comigo. Não quero que você seja o primeiro”, disse-lhe um dos detetives.

Ron não queria se encontrar com Samuel sozinho, e por isso levou Gary com ele ao Stardust. Os dois esperavam no balcão, nervosos, quando finalmente viram Samuel vindo em sua direção. Ele agia como sempre, rindo muito, feliz de ver os amigos. Samuel quis saber como estavam os outros caras

A MENSAGEM NO CELULAR ERA SIMPLES: “ESTOU COM RAIVA. ALGUÉM VAI SE MACHUCAR.”

com quem eles saíam sempre, e contou que vira seus filhos recentemente. Ron tentou parecer tranqüilo ao conversar com ele, mas notou que o bar ficava cada vez mais cheio de policiais à paisana que disfarçavam muito mal. “Um dos caras tinha um bigodão de policial, bebia só água e não parava de olhar para o Sammy”, conta Ron. “O Gary e eu olhávamos um para o outro a toda hora. Tínhamos certeza de que Sammy ia notar. O que ele pensaria?”

Quando Samuel foi ao banheiro, Ron ligou para Smith e exigiu que ele retirasse os policiais mais ostensivos de dentro do bar. Um minuto depois Ron viu um policial perto dele tocar a orelha ao ouvir o comunicado, pagar a conta e ir embora.

Em outra conversa rápida Smith perguntou a Ron se ele podia dar um jeito de fazer Samuel se encontrar com Dale no fim da noite. A polícia não podia se arriscar a prender os dois antes de ter certeza de que eram culpados, ou eles poderiam ser soltos por uma ordem judicial, explicou Smith. Os assassinos precisavam de mais corda para se enforcar.

Ron já dissera que Samuel poderia dormir em sua casa se quisesse, e por isso teve de pensar num novo plano. Após mais algumas cervejas, sugeriu

de modo casual que eles fossem a um cassino, lugar que levaria Samuel a ficar mais perto da própria casa. Samuel concordou, mas Gary decidiu não ir junto. Ron foi de moto até sua casa e voltou para o Stardust de caminhonete para levar Samuel ao cassino. Foi uma sensação muito estranha, conta Ron, entrar em sua caminhonete com um velho amigo e saber que centenas de policiais estariam observando cada vez que ele dobrasse uma esquina, sem que nenhum deles soubesse o que se passava dentro do carro.

Ron ficou feliz por ter se lembrado de pôr uma arma debaixo do banco do motorista, por via das dúvidas. Tocou a arma instintivamente ao entrar na caminhonete com Samuel. “Senti vontade de acabar com aquela história ali mesmo”, conta Ron. “Assim, a população de Phoenix não ia precisar nem esperar pelo julgamento.” Mas Ron não se deixou dominar pela emoção e foi com Samuel até o cassino, onde passaram várias horas jogando. Em certo momento, Samuel jogava nas máquinas caça-níqueis e, após perder várias vezes, reclamou que elas não estavam pagando. Ron colocou um dólar na máquina que usava e puxou a alavanca. Ganhou 300 dólares na hora. “Você não está com sorte hoje”, disse ele.

Pouco depois, cerca de duas da manhã, Ron disse a Samuel que precisava voltar para casa e dormir um pouco antes de ir trabalhar. Será que ele conseguiria arrumar outra carona? Como Ron esperava, Samuel pediu a Dale que viesse buscá-lo. Despediram-se e Ron saiu, feliz por deixar toda aquela tensão para trás. Em poucos minutos, ligou para Smith de novo. “Eles estão juntos”, disse ao policial. “Não deixe esses assassinos escaparem.”

MAIS DOIS DIAS SE PASSARAM e Ron esperava ansiosamente por notícias. Será que a polícia estragara tudo? Então, seu telefone tocou às três da manhã. “Pegamos os dois!”, disse Smith. A polícia ficara observando o apartamento de Dale 24 horas por dia a partir de um apartamento vizinho. E quando entraram lá, encontraram um arsenal de armas, munição, um mapa que marcava o local onde cada vítima fora atingida, notícias de jornal sobre o Atirador Serial recortadas e pólvora. Não teria sido possível reunir mais provas.

“Você salvou muitas vidas, Ron”, disse Smith. “Graças a você, as pessoas podem andar na rua sem medo.” Ele então contou que daria uma entrevista coletiva na manhã seguinte.

Com a cabeça girando, Ron sabia que jamais iria conseguir dormir de novo, e por isso ligou a TV. Em uma hora surgiu um aviso escrito na parte inferior da tela: “A polícia prendeu dois homens suspeitos de serem o Atirador Serial. Dale Hausner, de 33 anos, e Samuel Dieteman, de 30 anos.”

Era dia 3 de agosto – quase 15 meses após o Atirador Serial ter feito sua primeira vítima em Phoenix e quatro semanas desde que Ron ligara pela primeira vez para o disque-denúncia. Finalmente, o pesadelo acabara.

SAMUEL DIETEMAN e Dale Hausner estão na cadeia. A promotoria do Condado de Maricopa quer condená-los à pena de morte e acusa Samuel de 53 crimes e Dale de 83. Os dois homens foram responsabilizados por terem atirado em 15 pessoas e matado duas. Dale também é acusado de ter atirado em outras duas pessoas e de haver cometido outros cinco assassinatos. A polícia ainda investiga a participação deles em outros crimes. Os dois negam as acusações. Mas, desde que foram presos, o Atirador Serial não fez mais vítimas.

NA ESCOLA

Se seus filhos não podem passar sem salgadinhos, melhor entupir as lancheiras com eles. O boletim de uma associação de professores avisou que “a escola não está mais vendendo salgadinhos em decorrência da decisão de que nenhum tipo de comida deve ser vendido na hora do recreio e das refeições.”

KONNIE WENNEMAN, EUA



Uma proibição de usar *shorts* nas escolas de Amory, Mississippi, causou grande confusão. Afinal, como eles definiam *shorts*? Segundo o jornal *Amory Advertiser*, as autoridades escolares refizeram a redação do documento. Agora ele diz: “Ninguém pode usar roupas acima dos joelhos.”

MELINDA DICKERSON, EUA

Estava explicando à minha família que iria iniciar um curso noturno, quando minha filha me interrompeu e perguntou:

– Quer dizer que você terá horário, professores e provas como no meu colégio?

– Sim – respondi.

– Isso vai me dar trabalho... Agora terei de arrumar tempo para ir à “Reunião dos Filhos”.

JOSÉ ROBERTO DE OLIVEIRA, São Paulo (SP)